

LITERATURA E ARTE SEQUENCIAL: UMA (RE)LEITURA GRÁFICO-VISUAL DO QUADRINHO *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, HOMÔNIMA DE MACHADO DE ASSIS

Adelmiane Lima Viana (G-PARFOR/UFPA)

Orientador: Prof. João Paulo M. Gonçalves

RESUMO

Este artigo objetiva-se analisar a transposição da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, para os quadrinhos da desenhista e roteirista Maria Sonia Barbosa. Como *corpus* da pesquisa, recorreremos, sobretudo, aos estudos de Moacyr Cirne, pesquisador que conjuga em suas abordagens o quadrinho como arte e como expressão de um domínio artístico em que os signos verbais e visuais dialogam de forma constante. Além disso, procuramos enfatizar a importância das cores, dos ângulos e dos planos, como construtores de um novo discurso, no tocante à passagem da obra literária machadiana e o quadrinho proposto por Maria Sonia. A ideia central é perceber como se processam a distinção entre o texto fonte e sua adaptação para a banda desenhada. Enfatizamos, além disso, que mesmo que o quadrinho retome o discurso do texto literário, sempre será possível perceber diferenças significativas, pois aquele que faz uma adaptação sempre coloca o seu modo de ver a própria história, conseguindo, assim, redimensionar a ideia do texto base.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinho. Literatura. Adaptação. Educação. Arte

1. INTRODUÇÃO

Escolhemos o tema para nosso artigo “literatura e arte sequencial: uma (re)leitura gráfico-visual do quadrinho Memórias Póstumas de Brás Cubas, homônimo de Machado de Assis”, por acharmos de grande relevância trabalhar com adaptações de grandes clássicos literários para os quadrinhos. A releitura é um tipo de tradução da obra, pois imprime um modo de ver a história, ou seja, a obra adaptada não apresenta apenas significações da obra referencial, mas também ressignificações de quem a traduz para os leitores.

Nossa pesquisa trabalha as transposições de obras clássicas para quadrinhos e justifica-se, em razão do olhar depreciado que os quadrinhos sofriam pelos intelectuais e pais de alunos por imaginarem que era algo que corrompia os valores morais de crianças e adolescentes ao terem acesso ao gênero (quadrinhos).

Contudo, esse panorama está mudando, pois os quadrinhos têm ganhado espaço dentro das salas de aula atuando como um importante “suporte” pedagógico para professores de várias disciplinas. É importante frisar que os órgãos de educação começaram a entender que as HQs possuem uma grande tendência educativa, tanto é verdade que os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) começaram a incluir os quadrinhos no ano letivo escolar do ensino infantil, fundamental e médio.

2. ANCORAGEM TEÓRICA

Neste trabalho de pesquisa é de fundamental importância que façamos a constatação que estudar as relações entre a linguagem dos quadrinhos e a literatura não é um ato de fácil condução. Por isso, para que entendamos melhor sobre o tema a ser explorado, devemos fazer um levantamento de tal forma para compreendermos um pouco sobre a linguagem e suas múltiplas faces, antes de entrarmos na análise das obras quadrinística e literária.

2.1 Linguagens verbais e não verbais

Ao nascermos somos cercados por signos linguísticos que nos dão inúmeras possibilidades comunicativas e vão tornando-se reais na medida em que através de imitações e associações formulamos nossas mensagens.

O fato, é que a linguagem está presente em quase todas as nossas manifestações, fazendo parte do nosso cotidiano. Contrariando a educação tradicionalista que ainda em muitas instituições de ensino é repassada uma visão muito limitada sobre a comunicação, pois muitos pensam que os nossos únicos sistemas comunicativos são a oralidade e a escrita, ou seja, de que basta apenas aprender a ler e escrever para decodificar formas linguísticas e reproduzi-las graficamente como forma de interação, dando-nos a impressão de que a comunicação ocorre apenas através da escrita, reforçando a assertiva de que

[...] um condicionamento histórico nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita. (SANTAELLA, 2008, p.2)

São inúmeras as linguagens que aparecem nos atos de comunicação, entre elas, fazemos o uso da linguagem verbal, que utiliza a língua oral ou escrita, e a linguagem não verbal, que faz uso de qualquer código que não seja a palavra; sinais, símbolos, cores, gestos, sons etc. Este tipo de linguagens são transmitidas pelos mais diferentes canais, como: televisão, cinema, imprensa, rádio, telefone, cartazes de propaganda, desenhos, música e tantos outros. Assim argumenta Santaella (2008) quando diz que

(...) os texto não verbais não se impõem à observação, mas estão incorporados à realidade e, por assim dizer, incógnitos. Não se concentram no espaço branco da página, espaço característico do verbal escrito, nem no timbre ou ritmo de uma voz, espaço próprio do verbal falado, nem na dimensão ou textura de uma tela, como no signo visual pictórico, nem na melodia ou harmonia que acompanham o signo sonoro; mas são textos que se organizam no espaço tridimensional fechado,

privado, como o de uma habitação, ou aberto, público, como o de uma cidade.” (SANTAELLA, 2008, p.2)

A linguagem desempenha um papel muito importante, seja na forma oral ou através de códigos escritos, pois é através dela que o contato com o mundo que nos cerca é constantemente atualizado. É um suporte social que compromete não só nossas relações diárias, mas também as atividades intelectuais que compreende o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária.

2.2 O texto verbal e não verbal

Como foi dito anteriormente, que a fala e a escrita não são os únicos sistemas de comunicação, mas convenhamos, ler o texto não verbal é uma tarefa que exige o uso dos sentidos, muito além da mera codificação de palavras da qual costumamos fazer, como explica Ferrara (2004) que

existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. (FERRARA, 2004, 18-19)

A leitura do texto não verbal é tão dinâmica quanto são as atividades humanas com suas práticas significantes de linguagem e sentido. Se percebermos o ambiente que nos cerca ouviremos múltiplos sons que existem a nossa volta, que ganham significados, que se produzem, completam-se e alteram-se de acordo com nossa capacidade de percepção. A partir desse entendimento e percepção podemos dizer que há linguagem em tudo, nas flores, nos ventos, nos ruídos e até mesmo no silêncio.

A partir destas assertivas é que percebermos a linguagem, dessa forma entramos no campo da semiótica, que é a ciência que investiga todas as linguagens possíveis tendo como objetivo examinar qualquer fenômeno que produz significação e sentido, haja vista que “sem a linguagem seria impossível a vida, pelo menos como a conceituamos agora: algo que se reproduz, que tem um comportamento esperado e certas propensões. (SANTAELLA, 2004, p.2)

A linguagem não é somente um conjunto de palavras faladas ou escritas (verbal), mas também de gestos e imagens (não verbal). O que diferencia esses dois tipos de linguagem é que o verbal acontece através de vocábulos, palavras, textos, cartas, diálogos, entrevistas, reportagens em jornais ou televisionadas, bilhetes, conhecidos como signos linguísticos. Já o não verbal não se expõe através de palavras, mas através de imagens, placas, figuras, gestos, objetos, cores, chamados

ANALIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.** Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

de signos visuais. Tornando dessa forma a linguagem verbal um todo da qual a linguagem não verbal faz parte. Santaella (2000) ao se referir a signos pela concepção peirceana nos diz que

[...] Defino um Signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um Objeto e, de outro, assim determina uma ideia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o *Interpretante* do signo, é, desse modo, mediatamente determinada por aquele Objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu Interpretante (SANTAELLA, 200, p. 12).

Portanto, não nos comunicamos apenas por palavras, usamos outros signos que dão significado e sentido às imagens, sons, cheiros, gestos, símbolos.

Não basta apenas aprender a decifrar as letras do alfabeto, para lermos um texto, pois todo e qualquer texto que contenha imagens pode ser compreendido universalmente ao contrário do texto verbal que na maioria das vezes requer muito do leitor, e para ser compreendido o interlocutor precisa dominar a leitura, dependendo de seu grau de conhecimento linguístico. Como afirma Aguiar (2004, p. 25), “as linguagens organizam-se em sistemas, aceitos e conhecidos pela comunidade que se utiliza deles”.

A interpretação do não verbal é carregada de significados nas mais diversas situações, o verbal ancora o não verbal e vice-versa. Essas duas linguagens se complementam, mas temos que reconhecer que o não verbal está tomando o espaço do verbal, não só no processo ensino/aprendizagem, mas em todos os setores da comunicação humana, novas formas de comunicação que usam imagens sem muitas vezes usar palavras, pelo fato da imagem possuir diversos significados, significados esses que palavras podem não ser suficientes para descrevê-los completamente.

Na realidade fomos “ensinados” a ler apenas o verbal como discurso, principalmente na escola, dessa forma ignorando o não verbal utilizando-o apenas como complemento. E é de fundamental importância voltar nossa atenção para a necessidade de uma reeducação no processo de socialização, no sentido da utilização de formas de expressão que contribuem para uma nova linguagem na qual possa se desenvolver a capacidade de analisar, estabelecer relações, sintetizar e avaliar. Entre essas formas de expressão podemos citar a utilização de charges, estórias em quadrinhos, tiras e outros instrumentos que estimulem a percepção contribuindo de maneira significativa no processo ensino/aprendizagem.

A leitura do não verbal é uma necessidade do mundo moderno, suas modernas técnicas de comunicação a torna indispensável para a educação, pois toda a forma de comunicação artística (pintura, escultura, música, teatro, dança, etc.) são subsídios que desenvolvem o raciocínio criativo estimulando o sentido e a imaginação, tornando-se assim, um fenômeno social. Como podemos perceber em Aguiar (2004) quando diz que



como fenômeno social, a comunicação se dá por intermédio de algum tipo de linguagem que, como vimos, se altera de acordo com o uso que as pessoas fazem dela. Verbais ou não-verbais, criamos sinais que têm significado especial para o grupo humano do qual fazemos parte. (AGUIAR, 2004, p.25)

Portanto, a leitura do texto não verbal exige muito mais que a mera codificação, é preciso observação, percepção, atenção para percebermos como as formas de linguagem se reproduzem, readaptam, transformam e regeneram. E que chegam até nós pela palavra (linguagem verbal, oral e escrita), pela imagem (linguagem visual e sonora), pela representação (linguagem teatral), pelos gestos (linguagem gestual), enfim. Por esse vasto campo de investigação chamado vida.

2.3 Literatura comparada

Vimos aspectos básicos do texto verbal e não verbal para que pudéssemos compreender a questão dialógica em que está inserido nosso trabalho, o diálogo existente entre a obra literária e a obra fílmica, mas para compreendemos melhor é preciso conhecer as discussões feitas sobre o assunto por estudiosos da Literatura Comparada.

Sendo que “a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística“. (CARVALHAL, 2004, p.74)

E essa comparação não é feita somente entre textos literários, mas também com outras artes, como o cinema. Pelo fato de tanto a linguagem fílmica quanto a literária possuírem suas peculiaridades, mas não estarem desconexas. Podendo dessa forma se relacionar e completar, já que existe um elo comum entre as narrativas. Argumenta Saraiva (2003) que

uma análise das linguagens literária e fílmica expõe a correlação que articula essas duas formas de manifestação, mas que, igualmente as distingue: ambas integram-se à unidade básica do modo narrativo, mas preservam a unidade específica de sua linguagem de que resulta a narrativa literária ou a narrativa fílmica. (SARAIVA, 2003, p.39)

Assim, a Literatura Comparada estuda as diversas formas de linguagens artísticas, mas estuda não somente no sentido de comparar e sim de investigar e explicar as diversas formas de expressões que as linguagens podem permitir como vemos em

“(...) a literatura *compara* não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.” (CARVALHAL, 2004, p. 7).



Portanto, traçamos um olhar analítico quando propomos o estudo entre uma obra literária, no caso uma peça teatral, e sua adaptação para o cinema sempre observando o trabalho proposto pela Literatura Comparada, segundo Carvalho (2004, p.31), “ao aproximar elementos parecidos ou idênticos e só lidando com eles, o comparativista perde de vista a determinação da peculiaridade de cada autor ou texto e os procedimentos criativos que caracterizam a interação entre eles”.

Duas linguagens de expressões diferenciadas, mas que utilizam o mesmo texto, peculiar e com seus signos significativos, verbais ou não-verbais, e a partir disso surgem grandes impasses em relação à fidelidade ao texto original, no caso, a peça teatral. Existe o equívoco de ainda se considerar a obra literária sempre superior ao filme e a de que o filme deve ser obrigatoriamente fiel ao texto original. É preciso respeitar as diferenças entre as linguagens uma vez que cada uma contribui no processo de produção de sentido.

Segundo Randal Johnson (2003), as relações entre literatura e cinema são múltiplas e complexas caracterizadas por uma forte intertextualidade. Uma das problemáticas dessa relação está na visão preconceituosa que o cinema sofre ao trazer a transposição de uma obra literária.

Como vemos uma arte não é superior a outra, a literatura não é superior ao cinema, são artes distintas, e por serem assim, o cinema não tem obrigação de seguir o texto original. Jozef (2006, p.369) explica que “não se trata de um duelo entre literatura e cinema, mas de uma troca, cujos benefícios mútuos são crescentes”.

E sobre essa importância das linguagens tanto literária quanto fílmica, no sentido de completar, de dar sentido, Saraiva (2003, p.10) afirma que “o ato comunicativo sobre o qual a narrativa literária e a fílmica se fundam, a finalidade que as orienta e técnicas discursivas aproximam uma à outra, embora a diversidade de seus planos de expressão mantenha a fronteira entre os territórios”.

A linguagem literária apropria-se do caráter denotativo através dos signos linguísticos e a fílmica do caráter conotativo através de imagens para construção de significados. Perceber as diferenças básicas entre a linguagem literária e fílmica é necessário para compreendermos a adaptação literária.

A Literatura Comparada nos permite analisar os processos de linguagem literária e cinematográfica dialogicamente, buscaremos dessa forma compreender o trabalho que realizaremos, levando em consideração os aspectos ocorridos durante o processo de interpretação estética.

Segundo Vanoye e Goliot-Lété (1994, p.11) o primeiro passo para fazer essa análise é “estabelecer um dispositivo de observação do filme se não quiser se expor os erros ou averiguações incessantes.” Trata-se de um olhar analítico, observando os detalhes, as reações, os efeitos, as cores, pois de acordo com Pereira (2006)



[...] existem diversas maneiras de se ver um filme. Pode-se, por exemplo, assisti-lo na perspectiva de que o mundo da imagem é um mundo de formas, sendo a representação de uma dada realidade no plano, e que se pode, portanto, fazer uma leitura formalista nos seus diversos ângulos: os planos, os cortes, etc. (PEREIRA, 2006, p.4)

2.4 Literatura e quadrinho numa convivência dialógica

Muito se discute no meio literário acerca do “problema da adaptação” e os comentários são os mais diversos. Em meio a essa questão que tem causado muita polêmica no seio da crítica literária, podemos visualizar duas correntes de pensamento que se destacam. De um lado estão aqueles que criticam a adaptação literária, argumentando que essa passagem do texto literário para a banda desenhada descaracteriza o primeiro. Do outro, há aqueles que defendem que as linguagens podem conviver numa espécie de “simbiose”, não havendo nenhum prejuízo em se fazer a transposição de um romance ou peça teatral para o texto quadrinístico. Nesse caso, podemos inferir que as linguagens dos quadrinhos e literária podem atuar numa ideia de completude, pois é onde queremos e devemos chegar.

2.5 A linguagem verbal dos quadrinhos

Assim como qualquer tipo de gêneros textuais, as HQs não são diferentes.¹ Nos quadrinhos a comunicação verbal é subtendida através de balões que ficam acima da cabeça dos personagens (nos quadrinhos “comuns”, por exemplo), pois o balão é uma forma simples de unir palavra e imagem, já que tenta tornar visível um elemento que pode ser ouvido: o som.

O ato de falar está intrinsecamente ligado ao que pode ser ouvido e o que necessariamente pode ser visto. Diferentemente dos personagens, a do narrador não é um balão, mas sim um retângulo, recorrentemente, que se encontra situado no canto superior esquerdo da vinheta ou também na parte superior tomando todo o quadrinho. Vale ressaltar que os balões devem ser lidos da esquerda para direita, e de cima para baixo, isso nos países ocidentais.²

Com o passar do tempo o balão foi se redefinindo nas HQs. À medida que eles iam sendo usados foram também se aprimorando. Seu contorno não é apenas um cercado para a fala do personagem, mas passaram a transmitir significados dentro das páginas. Existe também o rabicho

¹ Grandes quadrinistas do mundo colocam o quadrinho como nona arte, tão importante e complexa como qualquer outra arte.

² No Japão, o Mangá é lido ao contrário, algo que confunde os leitores do ocidente.

que é uma espécie de prolongamento ligado ao balão que serve para dar ênfase à fala do personagem.

Além disso, deve-se tomar cuidado quando há mais de um balão em um mesmo quadrinho, pois as disposições destes auxiliam na leitura dos mesmos, isto é, o balão colocado na parte superior esquerda do quadrinho deve ser lido primeiramente, e obviamente o que inicia o diálogo entre o emissor e o receptor. Já o balão colocado a direita e abaixo deve ser lido depois. Entretanto, Moacyr Cirne (2000) defende que

os quadrinhos, como linguagem, têm a sua especificidade, que não reside propriamente no balão: reside, antes, no modo narrativo visual capaz de agenciar elipses gráficas e espaciais. O desencadeamento de imagem (“congeladas” no tempo e no espaço) será sempre relacional, cuja tessitura significativa apontará para a eficácia das relações críticas entre os diversos planos/enquadramentos de cada série ou estória. (MOACYR, 200, p.29)

O estudioso ressalta a ideia de que os cortes podem produzir leituras, somente a partir do visual da página. Neste sentido, o “continuum”, termo usado por Umberto Eco, cria na mente do leitor a noção de progressão temporal e movimento do enredo como, por exemplo, no quadrinho Watchman, de Moore:



Quadrinho de Alan Moore - Watchman

Nos cortes em sequência, independente dos balões, é possível entender, visualmente, a significação do enredo, em que o personagem misterioso tenciona subir no prédio como acontece, verdadeiramente, no último corte. Apesar disso, o balão representa um elemento de grande importância para o agenciamento do próprio enredo.



3. A OBRA “MEMORIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”: ADAPTADA EM QUADRINHOS

Aqui abordaremos a transposição da obra “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado Assis para os quadrinhos, em que fazemos uma análise do contraste de cores nos diferentes cortes, observando os vários planos segundo o posicionamento das figuras. Além disso, estudamos as várias formas dos balões presentes na adaptação, com o intuito de verificar a linguagem, o tempo e o espaço nos quadrinhos.

Não é de agora que a adaptação de obras clássicas da literatura para outras linguagens vem se manifestando. O cinema e o teatro há muito tempo procuram resgatar, cada um a sua maneira, as representações que povoam as páginas de uma grande obra literária. Assim como Machado de Assis, outros grandes autores da literatura nacional já tiveram seus contos adaptados, tais como Lima Barreto, Antônio de Alcântara Machado, Aluizio de Azevedo e Manuel Antônio de Almeida, entre outros exemplos.

Um ponto importante a ser dito é que as linguagens dessas transposições não mudam a forma original da obra. O conto “Memórias póstumas de Brás Cubas” não foge a essa regra, pois sua linguagem permanece fiel, ou seja, a narrativa é a mesma, pois a versão possui todos os principais elementos, ao substituir boa parte dos trechos descritivos por ilustrações e, dessa forma, tornando a leitura mais acessível ao público jovem. Mas isso não quer dizer que a HQ é um “resumo” do conto, pois muitos trechos permanecem na obra, já que o quadrinho funde a escrita com a imagem, tornando o conto ainda mais intrigante. Por outro lado, a imagem nos propõe distintos planos e ângulos possíveis.

O conto “Memórias póstumas de Brás Cubas” em quadrinhos é da revisora, roteirista e quadrinhista Maria Sonia Barbosa. As cores ficaram por conta de Leandro Rodrigues, com uma proporção de 40 páginas. Vale ressaltar que as cores e a quantidade de vinhetas expressam um sentido dentro das adaptações em quadrinhos, não somente meras escolhas do desenhista.

Nesse sentido, é importante verificarmos como a técnica de linguagem das histórias em quadrinhos se articula na adaptação do conto machadiano, para entendermos melhor como essa linguagem reconstrói a própria narrativa criada pelo escritor carioca. Abaixo, destacamos alguns planos presentes na adaptação para os quadrinhos, para entendermos melhor a construção de significados possíveis no processo de leitura:



4. ANÁLISE DE ALGUMAS IMAGENS DO MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS EM QUADRINHOS

Enquadramento, em cinema, diz respeito àquilo que é mostrado no campo visual da tela; o enquadramento está, assim, diretamente relacionado ao ângulo e a distância da câmera em relação aquilo que é filmado; pode-se, por exemplo, posicionar a câmera num lugar muito alto conseguindo uma ampla visão em grande espaço (um estádio de futebol ou uma cidade), ou aproximá-la ao ponto de tornar um olho ou uma boca uma visão central. Ao longo de sua história, o cinema desenvolveu variadas formas de enquadramentos, da qual os quadrinhos se apropriaram. Vejamos alguns deles em algumas imagens do Quadrinho Memórias Póstumas de Brás Cubas.

PLANO EM DETALHE OU EM CLOSE

Esta imagem possui o plano em detalhe (conhecido também por plano em close): mostra parte de um rosto ou detalhe de um objeto.



Fotograma 1

No fotograma 1 podemos fazer a leitura somente visual, sem necessariamente usar palavras para entendermos uma situação na história, pois através dos detalhes do desenho é possível perceber nas personagens suas emoções e sentimentos. O plano em detalhe é um plano expressivo, em que podemos perceber exatamente através dos traços da sobrancelha, olhos e boca que a personagem demonstra tristeza. Para Cagnin (1975), a expressão do rosto nos quadrinhos é representada pela combinação de cinco elementos, e não apenas de dois. A estratégia estaria na mescla de olhos, pálpebras, pupilas, sobrancelhas e boca.



PLANO EM CONTRE- PLONGÉÉ E PANORÂMICO



Fotograma 2

Neste fotograma 2 destacamos o plano contre- plongeé a partir de um ângulo inferior do conto é percebida na análise destes quadrinhos, em que ficam visíveis os contrastes de cores, os traços em que destacam os movimentos, principalmente porque elas realçam a intriga do próprio conto, que mostra o encontro de Brás em seu delírio com Pandora, que através do ângulo panorâmico é interpretado como uma forma de mostrar que o ser humano se torna insignificante diante da grandeza da natureza.

Parece-nos igualmente correta a observação de Jean Mitry que vê na imagem uma *invocação materializada*. Da mesma forma, revela-se justa a crítica de Balázs ao afirmar que "cada ângulo visual sobre o mundo implica uma visão do mundo". (CIRNE, 1975,p. 35)

PLANO EM PERSPECTIVA

Neste plano é possível ver uma soma de planos, indo de uma imagem mais próxima ao leitor, a outras mais distantes.



Fotograma 3

Nessa imagem ficam visíveis os contrastes das cores: o preto e o roxo, facilitando assim uma leitura visual que se faz perceber que o momento é tenso ou até mesmo triste. Percebemos também o tempo meteorológico, através dos traços diagonais que indicam chuva. Já a cor branca em Brás Cubras logo nos dá o indício de que se trata de um fantasma. Assim como os traços no quadrinho, a cor também fala por si só, fazendo com que tenhamos uma leitura visual, facilitando o contexto da história, esse recurso das cores nos quadrinhos é que atraem de imediato a atenção do leitor para conhecer a obra, esse é uma das razões pela qual o quadrinho foi inserido nos livros didáticos.



Fotograma 4

No fotograma 4 acima, mostra o momento em que Brás Cubras encontra com Marcela, sua amante, onde o mesmo se encontra assustado com a reação de Marcela quando diz que não quer mais continuar o relacionando. Nos quadrinhos podemos conciliar a leitura verbal com a leitura ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

visual, o que se percebe perfeitamente nesta imagem, onde vemos os traços em volta de Brás, a cor clara em contraste com a cor escura o que nos faz perceber um momento brusco, o que se funde ao observarmos o rosto de Brás, o detalhe da sobrancelha, olhos e lábios, o que confirma a ideia de que ele realmente está assustado e indignado com a notícia. O mesmo se percebe no rosto de Marcela, porém, ela, com o olhar distante, a boca entreaberta, de rosto virado, o que mostra desprezo por Brás.



Fotograma 5

Segundo Ramos (2009), os balões talvez sejam o recurso que mais identificam os quadrinhos como linguagem, como percebemos no fotograma 5. No entender de Fresnault – Deruelle (1972), são eles que dão originalidade e ajudam a tornar as histórias em quadrinhos um gênero específico.

Apesar da história em quadrinhos ter sua particularidade em seu gênero, um fator que mais evidencia e caracteriza esse gênero são os balões. Os balões são recursos gráficos utilizados para tornar sons e falas visíveis na literatura. Ele representa a fala ou do pensamento, que procura indicar um monólogo (pensamento) ou um solilóquio (diálogo). O quadrinho precisa do balão para a visualização das palavras ditas pelas personagens. Diferentemente da literatura, mesmo ilustrada, os quadrinhos não precisam indicar ao leitor a qual personagem corresponde aquela fala ou pensamento, pois os balões indicam por meio do apêndice.

O formato dos balões pode variar de acordo com as intenções do autor. O balão de fala tem um contorno forte, nítido; já o balão de pensamento tem outra forma. Ele é irregular, ondulado ou quebrado e o apêndice tem o formato de pequenos círculos. Pensar é algo bem diferente de falar em voz alta, ainda que seja um monólogo, por isso existe essa diferença entre os balões. O contorno de balão pode ser tremido, indicando medo ou emoção forte, pode ser recortado, o que indica explosão

verbal ou raiva, ou mesmo pontiagudo, fazendo o leitor perceber que o som está sendo emitido por meio de uma máquina. Outra característica dos balões é ajudar a mostrar ao leitor a ordem de leitura e a passagem do tempo.

A imagem mostra o pai de Brás lhe convencendo a casar-se pelo motivo de honrar o nome da família, na sua fala mostra os balões compostos que mostram a fala do pai de Brás, no entanto mais atrás podemos perceber um balão menor, o que mostra a fala de Brás Cubas perguntando quem é o Senhor Dutra? de quem seu pai falava? Podemos confirmar essa ideia através do apêndice que indica que a fala vem de Brás.



Fotograma 6

Ao analisar o fotograma 6 percebemos a utilização dos balões. Para Ramos (2009), os balões talvez sejam o recurso que mais identificam os quadrinhos como linguagem. No entender de Fresnault – Deruelle (1972), são eles que dão originalidade e ajudam a tornar as histórias em quadrinhos um gênero específico.

Apesar da história em quadrinhos ter sua particularidade em seu gênero, um fator que mais evidencia e caracteriza esse gênero são os balões. Os balões são recursos gráficos utilizados para tornar sons e falas visíveis. Ele representa a fala ou do pensamento, que procura indicar um monólogo (pensamento) ou um solilóquio (diálogo). O quadrinho precisa do balão para a visualização das palavras ditas pelas personagens. Diferentemente da literatura, mesmo ilustrada, os quadrinhos não precisam indicar ao leitor a qual personagem corresponde aquela fala ou pensamento, pois os balões indicam por meio do apêndice.

O formato dos balões pode variar de acordo com as intenções do autor. O balão de fala tem um contorno forte, nítido; já o balão de pensamento tem outra forma. Ele é irregular, ondulado ou

quebrado e o apêndice tem o formato de pequenos círculos. Pensar é algo bem diferente de falar em voz alta, ainda que seja um monólogo, por isso existe essa diferença entre os balões. O contorno de balão pode ser tremido, indicando medo ou emoção forte, pode ser recortado, o que indica explosão verbal ou raiva, ou mesmo pontiagudo, fazendo o leitor perceber que o som está sendo emitido por meio de uma máquina. Outra característica dos balões é ajudar a mostrar ao leitor a ordem de leitura e a passagem do tempo.

Na imagem acima mostra o momento em que Brás reencontra Eugênia, em um balão podemos ler a fala de sua mãe “Minha filha Eugênia.”, este balão é o chamado solilóquio, pois indica a fala da mãe de Eugênia, enquanto os apaixonados trocam olhares, podemos perceber o pensamento de Brás Cubas através do monólogo, que é o balão que indica o pensamento da personagem, com isso podemos ressaltar o que já foi mencionado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho foi desenvolvido com o propósito de desmitificar a ideia de que a história em quadrinhos é uma leitura “pobre”, destinada ao entretenimento. Procuramos ressaltar, sobretudo, seu atributo artístico, e como um gênero que vem ganhando reconhecimento entre professores e pesquisadores, despontando como a “9ª Arte”. Neste sentido, a arte sequencial pode elaborar significações e discursos tão complexos como qualquer outra arte.

Na atualidade, apesar de não ser o início do fenômeno, os quadrinhos ganharam grande fôlego diante de adaptações para o cinema, e, principalmente, diante das novas adaptações de obras clássicas em grande número. Porém, não é o caso desconsiderarmos o texto fonte, mas entender como as duas formas de linguagem se articulam e dialogam.

Fazer a análise comparativa da obra de Machado de Assis, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, com a adaptação de Maria Sônia Barbosa, possibilita entender várias articulações entre os textos. Dessa maneira, buscamos realizar esse diálogo atentando para as aproximações e diferenças, demarcando momentos importantes do quadrinho, e como ele re-significa passagens do conto de Machado de Assis.

Além disso, buscamos mostrar um íntimo diálogo entre a técnica dos quadrinhos e a linguagem do cinema. Assim, nas análises desenvolvidas, analisamos os vários cortes em consonância com posicionamentos de câmera (ângulo) e enquadramentos (planos).

Finalmente, destacamos a relevância de trabalhar com os quadrinhos em sala de aula. Nesse contexto, visualizamos novas formas de trabalho com essa arte, desmistificando certos discursos que colocam a arte sequencial somente como um mero suporte. Com essas discussões esperamos contribuir com os estudos sobre a linguagem gráfico-visual dos quadrinhos, na certeza

de que esse campo ainda precisa de outros trabalhos para alcançar um patamar, em que a 9ª arte seja vista como um espaço de diálogo entre as linguagens e códigos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, machado de, 1839-1908. *Memoriais Póstumas de Brás cubas/ contos de Machado de Assis; roteiro e ilustrações, Sebastião Seabra*. - São Paulo: Escala Educacional, 2008.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Princípios: 4. ed. 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41. ed. São Paulo: Cultrix , 2003.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Princípios: 4. ed. 2004.
- CIRNE, Moacyr. *Quadrinhos, Paixão e Sedução*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CANDIDO, Antonio; CASTELO, Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: historia*. 7. ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1996
- EISNER, Will. *Quadrinho e Arte Sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- JOHNSON, Randal. Literatura e cinema, diálogo e recriação. In: PELLEGRINI, Tânia et all. (2003) *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural.
- JOZEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: SA, 2006.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 2008.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 1994.
- SARAIVA, Juracy Assmann. *Narrativas verbais e visuais: leituras refletidas*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.